

MAMULENGO
(GRUPO E
ARTE)

Grupo Folgado

Florada do

Mamulengo

faz 10 anos



Augusto Oliveira e Zilda Torres idealizadores do Folgado: mais de 200 bonecos confeccionados e 2.997 apresentações em dez anos de carreira

Estes meninos gostam de botar boneco. Augusto Oliveira, pernambucano, conheceu Zilda Torres em Fortaleza, num curso de teatro de bonecos que ele mesmo ministrou ao lado de Madre Escobar no CAD, em 80. Zilda Torres, cearense, reencontrou Augusto num curso de bonequeiros alemães do Instituto Goethe em Recife daquele mesmo ano. Ela já conhecia o trabalho do bonequeiro com o Teatroneco, grupo com o qual trabalhou até dezembro de 81 e de onde arribou de volta para Fortaleza, já com Augusto na barra da saia, para uma experiência que veio mexer com a tradição da arte de bonecos na cidade.

Juntos eles criaram o Folguedo, grupo que está completando 10 anos e comemora a data a partir deste final de semana com uma série de atividades. O Folguedo faz dez anos com números superlativos, especialmente se considerarmos sua área de atuação num mercado cultural tão incipiente quanto o nosso. Neste período o grupo botou mais de 200 bonecos no palco, fez 2.997 apresentações, montou 13 espetáculos infantis e 5 adultos, percorreu 86 cidades do Ceará, chegou a Argentina e Itália e conseguiu manter sua própria casa de espetáculos, a Casa de Bonecos, por 5 anos. Em 90, porém, a casa caiu - foi literalmente demolida - e a dupla teve de retomar um trabalho de artistas itinerantes.

'Foi ruim para o nosso prestígio, explica Augusto, porque a Casa era uma referência para o nosso trabalho. Do ponto de vista financeiro, porém, ganhamos muito ao voltar pra 'estrada'. De certa forma já estão acostumados a montar sua tenda em várias freguesias. Já faziam isso seis meses antes de voltar a Fortaleza, enquanto montavam a estrutura do que viria a ser o Folguedo - 'um grupo popular que trabalharia sempre a partir de raízes nordestinas, utilizando a irreverência, a força e o poder de comunicação do teatro de bonecos'.

Nesta tradição do mambembe, o primeiro espetáculo entretinha pais e mestres de uma escola de Fortaleza num dos hotéis da cidade. Se chamava 'O Circo da Fantasia' e tinha como protagonistas dois bonecos que se populariza-

ram, principalmente entre as crianças, e se tornaram uma espécie de mascotes do grupo: Cocorote e Rosinha. O apelo foi imediato. Quem vinha com grana para segurar 6 meses de caixa baixa ficava surpreso ao constatar que, depois de 3, já podia viver praticamente de bonecos. Começa aí uma verdadeira trupe por escolas e uma boa fase que inclui novos espetáculos e os melhores anos do Folguedo.

'Em 83 chegamos a fazer 395 apresentações, afirma Zilda. Foi um ano de muito trabalho e nós mesmos ficamos surpresos com esta recepção'. Os títulos também começaram a multiplicar. Primeiro 'A Mãe Natureza', depois 'O Caso da Cobra Pantera', 'As aventuras do professor Tiridá nas terras do coronel de Javunda', 'As aventuras de uma viúva alucinada', 'A chegada de Padre Cícero no Céu' - espetáculo adulto inspirado num cordel de Renato Dantas, de Juazeiro -, 'Cuidado com Dom Lobão', 'A mágica da Bruxa', até fechar o ano com a inauguração do Espaço Criador, uma escola de arte que começou trabalhando com o público infantil e acabou colocando também os adultos na roda.

A experiência durou 2 anos, deu pano pra um marco - a montagem da Paixão de Cristo que levou 1 ano de trabalho e envolveu 76 bonecos, 15 manipuladores, 22 cenários etc - e formou novos bonequeiros que logo colocariam as asinhas de fora em Fortaleza. Segundo Augusto, o mercado era tão promissor que mesmo que tivessem três equipes teriam trabalho para todo mundo. 'Além disso, avalia, o Espaço serviu de ponta-pé para outros grupos como o Circo Tupiniquim e o Formosura. O Folguedo foi uma espécie de mãe para os 8 grupos que hoje vivem praticamente só de boneco em Fortaleza'.

Em 85 outro marco. Com o espetáculo 'Na lagoa do seu Jacaré ninguém põe a mão nem o pé' inauguram a Casa de Bonecos, que é a casa da sogra do Folguedo. A partir daí tinham o seu próprio espaço, o que possibilitaria uma retrospectiva da carreira do grupo e abriria a porteira para novas montagens. Vieram 'Um livro, uma história e um sonho' - adaptação de

Alice no país das maravilhas onde colocavam pela primeira vez atores e bonecos no palco -, uma homenagem a Pedro Boca Rica com 'A simpatia de Catirina e a chegada do Boi Tungão', o 'S.O.S. Índio' e finalmente o derradeiro 'Cenas de Carlitos'. Este um desafio que, segundo Zilda, quebrou a tradição 'mamulengueira' do Folguedo. 'Desta vez não tinha a fala nem o improviso, explica ela. Era uma adaptação de cenas famosas dos filmes de Carlitos, tudo na base da mímica e com a participação do João Neto'.

Mas tem mais, o que pode ser atestado no espetáculo 'Botando Boneco', que comemora estes 10 anos e faz uma verdadeira retrô do grupo na Central de Artesanato do Ceará Luiza Távora - Av. Santos Dumont, 1589. Começa neste domingo e inclui desde exposição do acervo de mais de 200 bonecos a mostra de vários trabalhos - ver quadro -, sem falar na programação já burilada para este ano. Vai ter oficina em abril, montagens inéditas em maio e agosto e até o lançamento de um documento destes 10 anos de 'bonecagem'.

Fazendo Boneco

Em 10 anos o casal de bonequeiros do Folgado já criou pra mais de 200 bonecos. Alguns já ganharam notoriedade e costumam participar de tudo quanto é evento - exemplo do Fulerage -, outros se popularizaram entre as crianças - Cocorote, Rosinha, a Bruxa, Alice - e outros ainda despertam o orgulho de seus próprios criadores. Zilda, por exemplo, considera o 'bonequeiro' Carlitos como sua obra prima.

No grupo só eles dois criam. Augusto fica invariavelmente

com a estrutura de articulação dos bonecos e a confecção da base - além de assinar texto e direção dos espetáculos -, enquanto Zilda se responsabiliza pelo acabamento. É ela quem determina o visual, pensa pinturas, cabelos, roupas e adereços. Detalhe: também confecciona os bonecos de esponja. Já Augusto, presenteado com uma faca do velho amigo Pedro Boca Rica, se dedica agora a esculpir na madeira.

O material que utilizam? Pra-

ticamente de tudo. 'Qualquer coisa pode originar um boneco, afirma ele. Todo tipo de sucata industrial. Nós trabalhamos muito com garrafas de plástico, jornais velhos, cabaças, caixas de papelão e por aí vai'. Os bonecos também podem ser feitos de diferentes materiais. Alguns são de madeira - como os mamulengos -, outros de isopor, esponja e papel marchê. O interessante é nunca perder a obstinação de um Gepetto trabalhando em seu Pinóquio.

Fazendo Tipo

Boneco de Luva ou Fantoche - o mais ágil e o mais popular. Corpo do boneco é a mão do manipulador. Ex.: Professor Tiridá.

Boneco de Vara - a manipulação é limitada. Corpo do boneco é fixo, o que é ideal para números de dança. Ex.: Carmen Ciranda.

Boneco de Vareta - movimentos parciais, uma vez que a vareta só vai até a cintura do boneco. Ex.: Cocorote e Rosinha.

Marionete - boneco movido por fios. Aqui bonequeiro se afasta e manipula o boneco de maneira diferente. Ex.: Carlitos.

Boneco de Esponja com articulação de boca - mesma técnica dos muppets. Têm riqueza de expressão. Ex.: Devildo.

Ventriloquo - boneco de manipulação direta. Ou seja, o bonequeiro tem de dialogar com a sua criatura. Ex.: Fulerage.

Obs.: O Mamulengo é um fantoche que se diferencia pelo escracho. É irreverente, muitas vezes até chulo, e conquista o público com este jeitão malicioso e um linguajar típico do interior brasileiro. Não admira tamanha popularidade.

Retrô

Dia 09 - Cenas de Carlitos

Dia 10 - Cuidado com Dom Lobão

Dia 11 - Na lagoa do seu Jacaré...

Dia 12 - A mágica da Bruxa

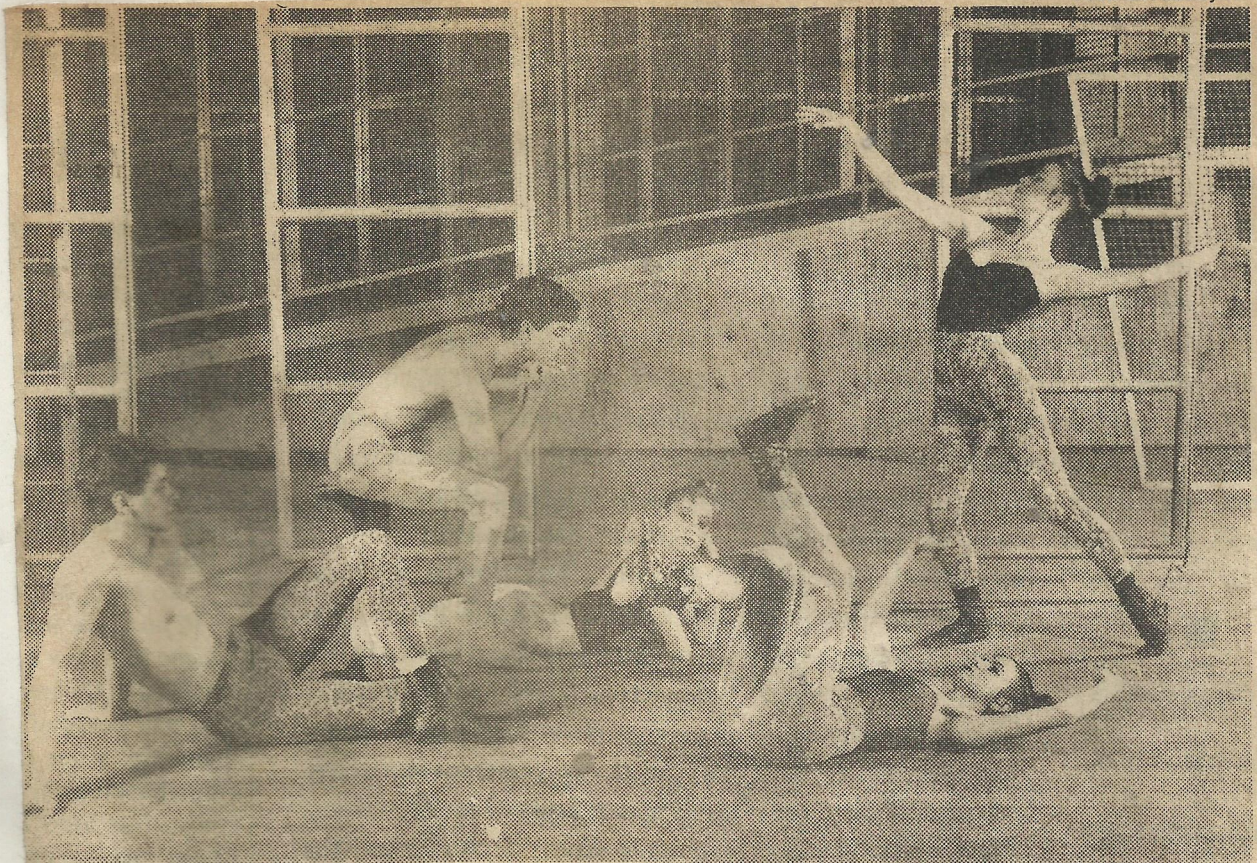
Dia 13 - O caso da Cobra Pantera

Dia 14 - As aventuras do professor Tiridá

Dia 15 - Cenas de Carlitos

Dia 16 - S.O.S. Índio

Obs.: Espetáculos começam sempre às 18 horas.



Vivaldi e Phillip Glass estão no repertório dos bailarinos cariocas, que se apresentam na terça-feira

■ **Cia de Ballet do Rio de Janeiro** - Dia 11, terça, às 21h, no Theatro José de Alencar. Ingresso: R\$ 10,00 (torrinha) e R\$ 12,00 (demais lugares). Informações: 252 2324. À venda na Casa do Frango Importados.

Espectáculo com direção e coreografias de Alice Arja e Sérgio Lobato.

■ **Double You** - Dia 14, sexta, às 22h, no BNB Clube (Av. Santos Dumont, 3646). Ingresso: R\$ 10,00 (sócio) e R\$ 15,00 (não-sócio).

Show internacional.

Poucas opções culturais em Fortaleza nesta semana que se inicia. Os dois destaques, no entanto, valem a pena serem conferidos. Para quem gosta de dança clássica, tem *Cia. de Ballet do Rio de Janeiro*, terça-feira, no Theatro José de Alencar. Já quem prefere o dance-music, a pedida é o show da dupla *Double You*, sexta, no BNB Clube.

A *Cia. de Ballet do Rio de Janeiro* faz apresentação única no dia 11, em sua estréia em Fortaleza. O espetáculo, com direção e coreografias de Alice Arja e Sérgio Lobato,

tem bases fundamentadas no balé clássico com interpretação de peças de Vivaldi, Bethoven e Phillip Glass. O corpo de baile é formado pelos bailarinos Cláudia Mota, Sérgio Lobato, Renata Melis, Roberto Lencina e Márcio Oliveira.

E tem show internacional na cidade. A dupla *Double You*, formada pelo produtor italiano Robyx e vocalista italo-inglês Willie Naraine, chega a Fortaleza trazendo na mala o título de revelação do cenário pop-dance mundial. No Brasil a dupla também é um grande sucesso. Milhares de discos vendidos e várias músicas na lista das mais executadas pelas FMs e discotecas de norte a sul do País.

No show que acontece na próxima sexta-feira o *Double You* apresenta músicas do novo disco "The Blue Album", além de hits como "Please don't go", "We all need love", "Who's fooling who", "Looking at my girl", entre outros.

HOMENAGEM AO MESTRE

Academias de dança se unem e montam espetáculo em homenagem a Hugo Bianchi

Disciplinado, sensível, profissional, talentoso. Se a tarefa é definir o bailarino e coreógrafo cearense Hugo Bianchi suas ex-alunas não economizam elogios e muito menos conseguem conter os suspiros, o que não deixa dúvidas sobre uma admiração quase apaixonada. Não é para menos. O mestre dos mestres é mesmo o número um na arte de projetar a alma na ponta dos pés. Com 68 anos de idade e 50 de carreira, Hugo Bianchi fez escola. E numa época em que ensinar e montar ballet clássico era coisa de primeiro-mundo, até então incompatível com o cotidiano pacato de uma cidade provinciana como Fortaleza. O mérito do pioneirismo é todo dele. Cientes disso, as 'discípulas' resolveram mostrar no palco o que aprenderam, numa justa homenagem ao criador. Hoje, às 20h e 30min, no Theatro José de Alencar, as academias Sete de Setembro, Goretti Quintela, Mônica Luíza, Madiana Romcy e Hugo Bianchi apresentam o 'Tributo a Hugo Bianchi', com coreografias que vão desde os clássicos de repertório e passos de jazz, até os números à caráter.

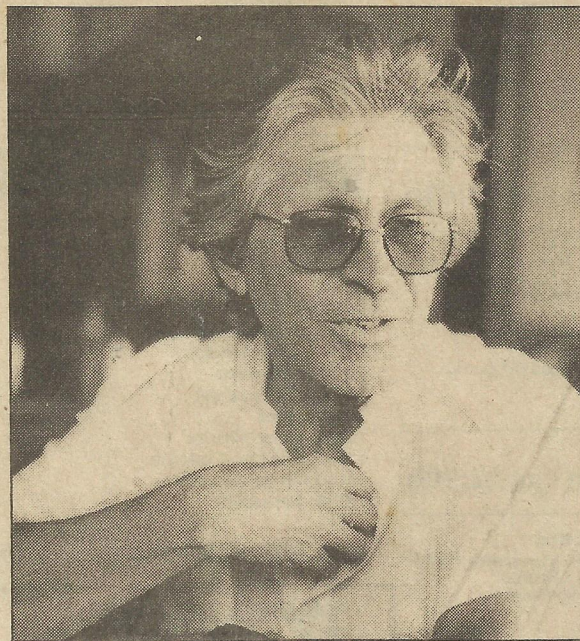
"Esse espetáculo é uma forma de chamar a atenção de todos para o fato de que os artistas mais velhos não podem e não devem ser esquecidos. O Hugo é um poço de sabedoria e experiência, por isso seu valor é eterno e inestimável", defendeu Goretti Quintela. A homenagem, que também pontua os 28 anos da Escola de Ballet Hugo Bianchi, traz ainda como convidado especial o bailarino piauiense Helly Batista, que promete dividir olhares com cerca de 60 alunas participantes. A história de Hugo Bianchi traduz uma personalidade batalhadora. Aos 16 anos foi para o Rio de Janeiro, passando pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT) para depois cair nas mãos da bailarina e mestra Heros Volússia. Sempre inovador, na década de 60 Hugo Bianchi foi coreógrafo do Circo Tiane, experiência que lhe rendeu popularidade e grande prazer. Daí em diante, foram vários ensinamentos, caprichosamente apreendidos e repassados.

Em Fortaleza, o grande momento desse mestre foi montar a coreografia da opereta 'Valsa Proibida', assinada pelo não menos talentoso Paurillo Barroso. "Esse trabalho ficou na história do teatro e fez sucesso pelo País e mundo afora", reforça

a também bailarina Ana Virgínia. É ela quem lembra das várias montagens que levaram o toque de gênio do bailarino, como 'O Lago dos Cysnes', 'Romeu e Julieta', 'Dom Quixote', 'Iracema', 'Otello', 'Joana Darc'e 'As Patinadoras', o primeiro festival promovido em âmbito local. "O Hugo me ensinou que o artista não se faz, nasce pronto, só precisando ser lapidado. Consciência e honestidade foram outras boas lições. Mas o que nos une mesmo é, antes de tudo, uma profunda amizade", disse Ana Virgínia. Goretti Quintela completou: "Em cada um de nós ficou um pouco dele, isso é muito claro. Tenho-o como um pai, o pai da minha arte".

Serviço:

'Tributo a Hugo Bianchi', amanhã, quinta-feira, às 20h e 30min, no Theatro José de Alencar. Ingressos: R\$ 5,00. Renda revestida ao próprio bailarino.



Hugo Bianchi: pioneiro no ensino da dança no Ceará

VARIEDADES

NOS CAMINHOS DE CASIMIRO COCO

No Dia Nacional do Teatro de Bonecos, artistas cearenses realizam espetáculos, exposição e dão posse à nova diretoria da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos no Ceará.

Hoje os bonequeiros estão em festa e botando boneco. Não os bonequeiros no sentido figurado, mas os bonequeiros de verdade que lutam para manter viva essa tradição no Estado. O motivo é especial também. Hoje é o Dia Nacional do Teatro de Bonecos. Por isso, tem espetáculo, exposição e até solenidade de posse da nova diretoria da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos no Ceará - ABTB. No palco, o grupo Circo Tupiniquim apresenta "Lutas e Paixões de Mateus, o Dançador de Boi", a partir das 19:30h, no Teatro Arena Aldeota. E durante todo o dia tem exposição de bonecos gigantes no local.

Os bonequeiros estarão reunidos em torno das comemorações e também do lançamento do projeto que deve mobilizar a nova diretoria durante o mandato de dois anos. Segundo Omar Rocha, do Circo Tupiniquim, e vice-presidente da nova diretoria da ABTB, o projeto que foi denominado de "Nos Caminhos do Casimiro Coco", envolve a criação de uma escola itinerante de bonecos e a realização de uma pesquisa que vai mapear as atividades dos bonequeiros no Estado. Omar Rocha acrescenta que esse mapeamento será publicado em um livro posteriormente.

O projeto de escola itinerante, como afirma outro bonequeiro, Homero Neves, do Mamulengo Folia e também suplente da nova diretoria da ABTB, inclui também a formação de professores na arte do mamulengo, para utilização de bonecos nas atividades pedagógicas. Homero é um dos responsáveis pela confecção dos bonecos gigantes que estarão expostos no Arena Aldeota. A exposição conta ainda com a participação de nove grupos de bonequeiros profissionais. Entre os bonecos gigantes de Homero, estão o esqueleto feito para o Bloco Pirata,



Bonecos gigantes estarão em exposição durante todo o dia de hoje no Arena Aldeota

um jornaleiro que puxou a campanha de lançamento do Atlas Geográfico Mundial do **Diário** e o impagável Carlitos de Charles Chaplin. Os bonecos pequenos também ganham destaque na exposição. Eles representam personagens conhecidos dos espetáculos montados pelos grupos da cidade.

A intenção dos bonequeiros é chamar a atenção dos órgãos oficiais de cultura para a necessidade de apoiar projetos como este que pretende cobrir tanto a capital quanto o interior. A homenagem ao mestre Pedro Boca Rica, prestada pelos bonequeiros, dá o tom das atividades. Mesmo porque, apesar do Ceará ter hoje um movimento sólido de teatro de bonecos, a classe continua sendo esnobada pelos órgãos oficiais. Até a Casa de Bonecos, que servia de base, para a mon-

tagem permanente de teatro de bonecos, fechou por falta de recursos. Durante o período que funcionou, a Casa sobreviveu de ajuda extra-oficial e do mutirão formado pelos próprios bonequeiros.

Atividade artística que sempre encantou crianças e adultos, o teatro de bonecos é bastante antigo, remonta o milenar teatro de sombras chinesas, projetado à luz do fogo. No decorrer do desenvolvimento humano, ele vem aperfeiçoando sua técnica e hoje é respeitado na Europa e em outros países desenvolvidos. No Brasil, essa arte chegou junto com os colonizadores portugueses ainda tradicionalmente ligados à elite dominante e confinada aos salões da nobreza. Contudo, em pouco tempo, ela incorporou elementos nativos, servindo a princípio como catalisador para o

sofrimento dos escravos africanos. Foi justamente o negro que dotou o teatro de bonecos de seu lado brincalhão e sensual.

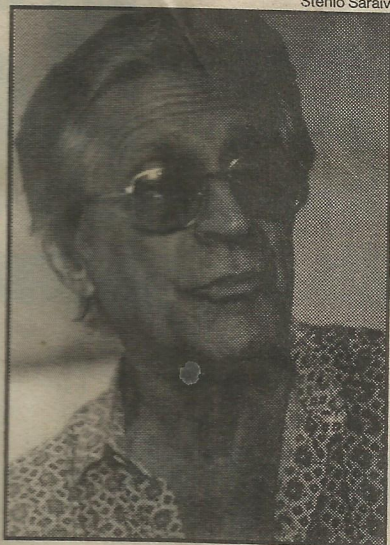
Passada essa fase, ocorreu o processo de interiorização. Foram os bonequeiros, assim como os cordelistas e violeiros, que tem unicamente no talento uma fonte sempre renovável de que conseguiram levar o teatro para os mais distantes locais do Brasil. E é exatamente pelo trabalho que o trabalho de pesquisar os bonequeiros deve continuar. "Queremos resgatar o trabalho desses bonequeiros que foram esquecidos no interior do Estado", reforça Omar Rocha. Para isso, será preciso que as prefeituras do interior apoiem o projeto. "Com isso, esperamos fortalecer o movimento do teatro de bonecos no Ceará", explica o bonequeiro.

Bailarino e coreógrafo Hugo Bianchi

Sua vida se confunde com história do balé no Ceará

Homenageado há dois anos - nos 25 anos da sua academia de balé clássico - e sempre que possível pelas pupilas Denise Galvão, Madiana Romcy, Helena Coelis, Mônica Luiza, Gorette Quintela e Ana Virgínia, aos 67 anos, o bailarino e coreógrafo Hugo Bianchi é um exemplo de dedicação à arte. Como Helena declarou, "o balé no Ceará confunde-se com Hugo Bianchi". Fortalezense nascido na Rua Tereza Cristina, próximo ao Mercado São Sebastião.

**GENTE
GENTE
GENTE
GENTE**



Stênio Saraiva

Hugo Bianchi: dedicação à arte

Determinação, dedicação e carinho são as virtudes destacadas por Denise. Madiana diz que o mestre transmitiu entusiasmo e amor pelo ensino do balé clássico. "Ele tem todas as qualidades que se pode exigir de um grande bailarino e mestre", declara Helena, acrescentando a humildade e o amor pela terra. O rigor e a disciplina foram apontados por Mônica. Gorette lembra que ele venceu o preconceito com força, coragem, muita personalidade e, acima de tudo, categoria e decência. Por fim, Virgínia destaca que todos os pupilos de Bianchi trazem na memória como exemplo o grande mestre do balé.

O amor pelo balé nasceu muito cedo, quando assistia musicais no cinema e ficava encantado com as danças. Na década de 40, ainda adolescente, já dava saltos e fazia piruetas. Dava os primeiros sinais do bailarino que estava nascendo. No início dos anos 50, mais adulto, mais afoito depois de ter viajado com um grupo de teatro "Marquise Branco" pelo Norte/Nordeste do País, participou do programa inaugural do Salão Nobre do Náutico Atlético Cearense, dançando a Protofonia do Guarani, para ele, um dos momentos mais importantes de sua carreira,

onde dançava 16 minutos ininterruptos.

Nessa época, ele já dava aulas particulares às moças das famílias mais abastadas da cidade. Foi então que descobriu que precisava de mais técnica e conhecimentos para penetrar nas difíceis tramas do balé clássico. No Rio de Janeiro, então capital do País, meca e meta dos que pretendiam crescer, sofreu, aprendeu, cresceu. Ele estudou muito e teve como mestres Eros Volússia, Dina Nova, Maria Olenewa, Vaslav Veltchek, Tatiana Leskova e David Dupré. Participou do Ballet "De Meudes"; integrou o Corpo de Baile do Conservatório; foi contratado pela Companhia Paschoal Carlos Magno; trabalhou na Companhia Walter Pinto, com Carlos Machado; na TV Excelsior; na TV Tupi; e voltou à Fortaleza.

Aqui, fez a coreografia para a montagem da opereta "A Valsa Proibida", de Paurillo Barroso, e, logo a seguir, levou à cena "Grande Gala". Depois disso, foi contratado por Tereza Bittencourt Paiva para lecionar na Academia Vaslav Veltchek, para depois viajar durante vários meses com o

Circo Mágico Thianny, como bailarino e coreógrafo.

Só de volta à Fortaleza, mais uma vez, finalmente montou sua própria academia - outro grande momento em sua carreira. Depois foi contratado pelo Colégio das Salesianas e montou seu primeiro festival. A partir daí, foi sucesso. Viajou para assistir grandes espetáculos de balé no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Nessa época, ele foi contratado para dar aulas de expressão corporal no Curso de Arte Dramática da Universidade Federal (UFC). Fez cursos de férias no Teatro Colon, em Buenos Aires e trouxe o bailarino e professor Richard Rein, dos Estados Unidos, para ministrar um curso de um mês em sua academia. Após o curso, outro grande momento de sua carreira, a viagem aos Estados Unidos onde assistiu aulas no American Ballet Theatre e no New York City Ballet, no Lincoln Center.

Quando retornou a Fortaleza, fundou a Academia Hugo Bianchi com corpo de baile e montou grandes espetáculos, que viajaram pelas estados do Nordeste. Entre estes espetáculos estão "A Belas Adormecida", "Othelo", "O Lago dos Cisnes", "Carmen", "Os Deserdados", "Iracema", "Romeu e Julieta", "Giselle", "Dom Quixote", "A Viúva Alegre" e "Quebra Nozes", entre muitos outros.

Hoje, encarregado da direção da academia e coordenação de espetáculos e viagens, Hugo Bianchi conserva a imponência e a beleza que brilharam no palco. Ele faz questão de frisar que não fuma, só bebe socialmente, não vai à praia e não gosta de dormir tarde. Seus momentos de lazer ainda são dedicados à sua grande paixão da adolescência: o cinema. Ele admite que, após já ter formado três gerações de bailarinas, ainda conserva um grande sonho: viajar a Moscou e conhecer o Teatro Bolchoi, além de conhecer Paris.